

letras

caetano veloso

letras

eucanaã ferraz
organização

Copyright © 2022 by Caetano Veloso

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Raul Loureiro

Obra de capa

Gambiarra Amarela, 1998, acrílica sobre tela de Emmanuel Nassar @emmanuelnassar, 91 × 91 × 3,5 cm. Acervo Banco Itaú. Reprodução de Sérgio Guerini

Design do logo CV80

Pedro Inoue

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Huendel Viana

Erika Nogueira Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veloso, Caetano

Letras / Caetano Veloso ; organização Eucanaã Ferraz. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

ISBN 978-65-5921-168-5

1. Música popular — Brasil — Letras 2. Veloso, Caetano —
2. Crítica e interpretação I. Ferraz, Eucanaã. II. Título.

22-109296

CDD-781.630981

Índice para catálogo sistemático:

1. Música popular brasileira : Letras 781.630981

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

| | |
|----------------|---|
| nota do autor | 7 |
| do organizador | 9 |

19 **letras**

| | |
|-------------------------------|-----|
| índice alfabético das canções | 457 |
| discografia | 461 |
| bibliografia | 497 |
| créditos das canções | 501 |
| agradecimentos do organizador | 505 |
| sobre o autor | 507 |
| sobre o organizador | 509 |

Diante das mais de trezentas letras de canções que compus ao longo de décadas fico quase sem palavras. Tenho apenas de confessar que em nenhum caso eu aprovei a letra (ou a música) quando cheguei a completá-la. Com o passar do tempo — e o esquecimento das obras —, tenho me surpreendido com alguma admiração e até com certo encanto diante de uma ou outra canção que fiz. As conversas que tive com Eucanaã Ferraz a respeito de como as letras deveriam aparecer sobre o papel (tanto da época da edição de *Letra só* como agora, quando voltei a atentar para as referentes questões) foram relaxadas. Ele é poeta e amigo. Me lembro de ter imaginado, por muito tempo, um uso da pontuação inspirado em João Cabral de Melo Neto, que põe ponto-final quando termina uma estrofe que corresponde a um parágrafo de prosa — e de um desejo exagerado meu de colocar dois-pontos em passagens que me sugerissem ensaísmo: sou fascinado pela poesia “prosaica” de Cabral e, no fim da adolescência, me maravilhava com a função dos dois-pontos na prosa de Sartre. Mas sei que a distribuição espacial dos versos e das estrofes é pontuação em outro nível. E, sendo minhas letras tantas vezes feitas em canto pensado e não em escrita, me convenci de que a flexibilidade do critério do uso de vírgulas, pontos, pontos e vírgulas e dois-pontos deveria ser admitido, tudo negociado com a intuição de Eucanaã. Espero que o resultado dê prazer ao eventual leitor.

Não deixa de ser para mim uma celebração ver reunidas tantas letras de músicas minhas no ano em que chego aos oitenta. Sou apaixonado pela forma canção, pela palavra cantada, e me sinto honrado em ter um conjunto de peças dessa natureza nas quais chego eu mesmo a ver, às vezes, alguma beleza. Sinto alegria diante desse monte de peças construídas com pouco rigor, apesar de com muito amor.

Passei anos me prometendo escrever uma canção (ou um grupo delas) que redimisse a irresponsabilidade com que me entreguei à função de cancionista. Recentemente tenho mais é me prometido parar de compor, simplesmente para não aumentar o número já grande demais de musiquinhas olvidáveis. No entanto, este livro sai num momento em que descumpri tal promessa. A feitura do repertório do álbum *Meu coco* foi um irrefreável surto de composição, sendo este um long-play meu em que todas as canções são minhas, letras e músicas, coisa que só tinha acontecido no disco *Cé*.

Muito de tudo isso se deve a Bethânia e Gal terem me encomendado, sugerido ou inspirado canções. E a meu mestre Gil ter me seduzido para a música. E a meus outros parceiros que me honraram com o casamento de minhas palavras com suas melodias tantas vezes deslumbrantes. E ainda mais aos que construíram (como eventualmente Gil) letras e músicas em colaboração comigo. Elas, eles e eu cultivamos o amor sagrado pelos que nos escutam com dedicação, mesmo que estejamos inevitavelmente entre estes que nos ouvem e leem.

C.V.

1 — nota

Deparar com “O quereres” é sempre um espanto. “Meu bem, meu mal” vale por um dicionário de rimas. “Tropicália” e todas as canções contemporâneas a ela ainda surpreendem e continuam a suscitar debates e interpretações. “Um índio” salta por sobre o imaginário indigenista do século XIX para alcançar um romantismo cósmico, pós-apocalíptico. “Peter Gast” empurra-nos para o silêncio e a solidão com uma propensão reflexiva que, na poesia brasileira, encontra parentesco na escrita de Drummond — revisitado literalmente em algumas letras — e na de poucos outros. “Cajuína”, com a gravidade de seu verso de abertura — “Existirmos: a que será que se destina?” —, “O homem velho” e “Noite de hotel” seguem na mesma direção. “Terra” é uma espécie de “máquina do mundo” contemporânea em funcionamento pleno. “Sampa” ajudou a moldar a visão que os paulistanos têm de si mesmos, alcançando espontaneamente o valor de hino de uma cidade. “Oração ao Tempo” atinge um tom elevado com enorme concentração, e sua mística reside no alumbramento dos ritmos que reúnem todas as coisas vivas em perfeita aliança. Essa mística da natureza, digamos assim, aparece também em “Força estranha”, “Queda-d’água”, “Gênesis”, bem como no espírito algo panteísta que anima em conjunto o disco *Joiá*. “O estrangeiro” é uma deslumbrante e perturbadora pintura em movimento: palavras *em estado de cinema*, como em “Eu sou neguinha?”, “Trem das cores” e muitas outras. Cinematografadas, por exemplo, sobrevêm as memórias em “Cinema transcendental”, enquanto a memória dos filmes é o motor de “Cinema novo”, “Michelangelo Antonioni”, “Giulietta Masina” e “Nine Out of Ten”; o próprio ambiente fantástico e libertador da sala de projeção aparece em “Cinema Olympia”. Nesse sentido, o que dizer de um épico desassombrado como “Alexandre”? As operações de corte e montagem chegam à confecção de estruturas fundamentais do verso no experimentalismo de “Outras palavras”. Há momentos nos quais o cinema dos versos se quer documental, como em “Ele me deu um beijo na boca”, “Haiti”, “Lapa”, “A base de Guantánamo”. Lá estão nomes como Delfim, Margaret Thatcher, Menachem Begin; Osama, Condoleezza; FH, Lula; e ocorrências como “as pressões do PT e da UDR” e a chacina de “111 presos indefesos” (presídio do Carandiru, São

Paulo, outubro de 1992). Some-se a tanto o eloquente retrato humano e político de Marighella em “Um comunista”. O Brasil — lugar, nação, mito, problema, ideia, enigma, projeto — é de tal modo uma musa privilegiada nessa obra que seu levantamento constituiria de imediato um longo rol de canções, sobretudo se considerarmos aquelas nas quais o tema se impregna ali onde o assunto parecia ser outro: “Meu coco”, “Perdeu”, “O herói”, “Podres poderes”, “Vamo comer”, “Os outros românticos”, “Fora da ordem”, “O cu do mundo”, “Haiti” etc. O impulso documental surge como síntese alegórica em “A bossa nova é foda”, espécie de exame no qual o pendor historicista é sobretudo subjetivo, com referências que irrompem em fragmentos cifrados, como num gesto antididático (transdidático?) que nos ensina o quanto a bossa nova foi um corte, golpe certo e contundente muito além dos estereótipos de amenidade e leveza. A canção me remete a “Um índio”, pois nesta aparece Muhammad Ali e Bruce Lee, e em “A bossa nova é foda”, mais recente, estão presentes os lutadores brasileiros de UFC (Ultimate Fighting Championship, organização de artes marciais mistas). Tais minotauros-Muhammads são trazidos aos versos como emblemas de um avanço cultural, refletidos obliquamente no espelho da bossa nova — construída com a força prodigiosa de seus próprios heróis-lutadores — como exemplos acabados de uma potência transformadora e vitoriosa que não pertence a nenhum domínio específico da cultura, mas à vida de todo um povo. Do mesmo modo que em “Um índio”, aqui também ressalta o aceno utópico que marca a poesia de Caetano Veloso desde sempre. Impossível não visitar o vasto conjunto distinguido pela temática amorosa, cuja intimidade e erotismo avivados em imagens, cenas ou diálogos podem dar a elas um gosto — ainda cinema — de *nouvelle vague*: “Por quem?”, “Quando o galo cantou”, “Falso Leblon”, “Menina da ria”, “Um sonho”, “Os passistas”, “Avarandado”, “Você não entende nada”, “Da maior importância”, “Ela e eu”, “Rapte-me, camaleoa”, “Você é linda”, “Eclipse oculto” e muitas outras. O canto, a voz e a música são temas que se confundem e estão presentes ao longo da obra em composições deslumbrantes. Abandono joias pelo caminho para falar de “Língua”, uma das mais bem formuladas reflexões poéticas sobre a língua portuguesa. Seria apenas um tema se Caetano não trouxesse para seus poemas cantados um extraordinário número de marcas de oralidade, gírias, variações regionais, sotaques, neologismos, mas também léxico e sintaxe refinadíssimos ao lado de experimentações linguísticas arrojadas de ordem claramente literária.

Tal apanhado — breve como levantamento, mas talvez extenso para quem aceitou o convite de lê-lo — não aspirou à mirada crítica, original, densa. Tampouco pretendi esboçar um percurso, a fim de re-

velar continuidades ao logo do tempo, possíveis fases, saltos e rupturas. Meu intuito não foi senão registrar impressões nascidas no encontro com palavras que, assentadas na matéria silenciosa do papel, reconduzem insistentemente à música, ao corpo inteiro das canções, e fazem precipitar inúmeras contingências pessoais, reminiscências, ânimos, dispositivos da subjetividade que assomam quando entramos em contato com textos *poderosíssimos* — adjetivo que me parece legítimo em sua imprecisão crítico-analítica. Posso dizer simplesmente que cada leitor realiza sua fruição. Apresentei aquela que se fez em mim num determinado momento (entre muitos) a fim de exemplificar — gesto desnecessário, talvez, mas condizente com o entusiasmo e com o prazer da leitura.

Este é um livro de poesia reunida. Julgo que as muitas e necessárias discussões críticas que partiam da questão “se o compositor de canções populares pode ser nomeado poeta” chegaram ao estágio de superação do, digamos, dilema. Os prêmios Nobel de literatura para Bob Dylan e Camões para Chico Buarque foram mais do que suficientes para corroborar em termos de amplo reconhecimento institucional o que já se sabia. Não foram premiados pela incontestável excelência dos textos em prosa que publicaram, ainda que estes possam ter sido considerados na soma, mas pela importância de seus cancioneiros.

Não se trata, porém — os vários aspectos da questão foram já bastante indagados e compreendidos —, de ignorar as especificidades do poema escrito para ser lido e as do poema realizado (uso este verbo porque muitas vezes os versos não chegam a ser escritos no processo de composição) para ser cantado, ouvido, dançado, o que, sem dúvida, não desmente o que neles coincide: serem poemas. Nem vem ao caso, aqui, ampliar a discussão, encerrando-a, com a sugestão, já levantada por diversas abordagens críticas, de que a canção popular recupera a natureza performática da poesia quando em seus primórdios na Antiguidade clássica. Os debates amadureceram, e considero justo pôr em evidência, ainda que de passagem, que, não por acaso, coube ao pensamento brasileiro estabelecer com originalidade e rigor um campo teórico capaz de dar conta das qualidades do que é específico da canção e de seus realizadores. A bibliografia ao final deste volume consigna a expressividade numérica e qualitativa, bem como a diversidade do que se escreveu sobre Caetano Veloso, a tropicália, temas e personagens afins.

Sabemos que a natureza da canção determina dinâmicas próprias na realização, na execução pública, na circulação e no traçado histórico das obras quando abordadas em conjunto. A organização deste volume deparou-se com alguns meandros que cabe assinalar brevemente, pois tiveram papel definidor em sua estrutura.

Quando se reúne uma obra poética que se fez *para* o livro (ou que teria nele seu destino desejado) — ressaltando-se as dificuldades impostas por obras acidentadas em seus percursos autoral ou editorial —, podem-se adotar soluções mais ou menos previsíveis, como o alinhamento cronológico dos livros (publicados e/ou inéditos, dispersos etc.). Tratando-se de um volume que recolhe letras de canção, a topografia do terreno exige outros cuidados, o que, conseqüentemente, assalta organizador e autor com hesitações e com a necessidade de desembaraços cujo êxito permanecerá distante do ideal, caso se tome por modelo o repertório de obras tornadas públicas originalmente em livros.

No caso de Caetano Veloso, estamos diante de um autor que é também um grande intérprete, e, assim, o trabalho de agrupar suas letras depara-se, de imediato, com discos — são muitos — que trazem canções de outros autores. Além disso, não são poucas as parcerias em que Caetano foi o autor da música, mas não da letra. Impõe-se então a exigência de romper com aqueles conjuntos, originalmente concebidos como complexos íntegros, criados na confluência de canções de diferentes criadores. Trata-se, sem dúvida, de problema com o qual não se depara o trabalho com livros. O resultado é que, mesmo adotando os discos como unidades que ordenam o volume, a integridade das unidades vê-se dissolvida. Perde-se algo, não há dúvida, mas tal privação é irrelevante em nosso projeto: recolher as letras de Caetano Veloso (e não reproduzir os chamados encartes dos álbuns ou os roteiros dos espetáculos de que alguns se originaram; a discografia, ao final deste volume, dará conta de tais ordenações).

Outra questão, mais decisiva: na vasta obra, muitas canções foram gravadas por outros intérpretes e só depois — em intervalos por vezes breves, por vezes com a extensão de vários anos — ganhariam a voz de Caetano em disco. Em qual momento — e lugar — elas deveriam aparecer? Salto sobre as considerações que a pergunta provoca — e provocou para organizador e autor — para dar nota do que se fez aqui: as canções que despontaram primeiramente na gravação de outros intérpretes são registradas obedecendo ao ano de seu aparecimento; todas as letras são apresentadas em ordem cronológica inversa (da mais recente para a mais antiga); dá-se destaque aos álbuns (LPs e CDs) e discos compactos gravados por Caetano; e ainda, quando as diferentes gravações foram realizadas no mesmo ano, optou-se pela gravação do próprio autor. Para destacar os discos de carreira (ou DVDs e trilhas sonoras, exceto as coletâneas) decidimos marcar os títulos em vermelho. Uma visão do conjunto revela curiosidades e dados importantes sobre a relação de Caetano com seus contemporâneos — parceiros ou

intérpretes —, certas afinidades, declarações ou vestígios autobiográficos, bem como panos de fundo histórico-culturais, combinações que ajudam a compreender as relações da música popular com o público, com outras linguagens artísticas e com o mercado fonográfico em diversos momentos dos quase sessenta anos de atuação que este volume encerra. Em primeiro plano, creio, vê-se o espalhamento, ou melhor, a irradiação generosa de uma obra que desde sempre se lançou para o mundo em muitas vozes. A propósito, observo mais uma vez que a discografia completa (exceto as coletâneas) ao final do volume dá conta da integridade dos discos, faixa a faixa, de modo que se pode ter a noção inversa, e complementar: o intérprete trazendo outras obras para dentro da sua; alcance pleno, portanto, daquele diálogo contínuo com autores, intérpretes, parceiros, obras, linguagens, acervos, memórias e realizações da atualidade mais urgente.

Vale notar também que neste volume — o título é inequívoco quanto a isso — figuram tão só as letras de Caetano Veloso. Assim, ficaram de fora as canções nas quais lhe coube criar a música. Nos casos em que suas letras ganharam música de algum parceiro, a informação está devidamente assinalada. Poucas vezes os textos foram concebidos a quatro mãos, o que também vem indicado.

Em 2003, publicou-se um livro semelhante a este — *Letra só*, do qual também fui organizador —, com edições em Portugal (Quasi Edições) e Brasil (Companhia das Letras), nesta ordem.

Espreito brevemente a arquitetura daquele livro a fim de sublinhar suas diferenças em relação ao que se estampa agora. *Letra só* é uma seleção, uma antologia; estrutura-se por agrupamentos (dezessete ao todo) constituídos a partir de familiaridades temáticas ou formais, sem obediência, por conseguinte, à disposição por discos ou à sequência cronológica (apenas dentro de cada bloco as letras são alinhadas da mais antiga para a mais atual).

O livro que o leitor tem em mãos é bastante diferente. Trata-se de uma obra integral, não de uma seleção, sem arranjos em blocos temáticos ou formais. Adotou-se, como já aponte, uma disposição cronológica inversa. Além do acréscimo das letras que ficaram fora de *Letra só*, aqui estão também as composições realizadas nos dezenove anos que separam um livro do outro. Assim, a antologia de 2003 guarda 180 letras, ao passo que a presente reunião chega a 390 composições.

Todos os textos foram revistos minuciosamente por mim e pelo próprio autor. Certas decisões contrariam as normas ortográficas, como a palavra “nêgo” com acento ou o verbo grafado como “tou” em vez de “estou”, entre muitos exemplos de adoção da língua oral;

não raro, palavras estrangeiras já aportuguesadas vêm grafadas na língua de origem. Na maior parte dos casos, abdicou-se do uso de itálico ou aspas para marcar deliberações de tal ordem. No conjunto, o leitor encontrará o emprego expressivo e desassombrado da língua (de línguas), numa escrita em que são flagrantes as idiossincrasias do criador, ou melhor, de sua livre liberdade.

Versos e estrofes que até então se subordinavam ao espaço restritivo e circunstancial dos encartes de discos e CDs encontram agora suas formas definitivas. Erros foram corrigidos; porém, mais que isso, muitas letras ganharam disposições formais inteiramente diversas das que circulavam até agora. Como curiosidade, cito apenas um exemplo: Caetano já se referira em entrevistas ao fato de a gravação de “A Little More Blue” — do álbum editado em Londres em 1971 — ter sofrido uma amputação por parte da censura do governo militar quando o disco saiu no Brasil pela Philips. Foram cortados, no fonograma, dois versos: o primeiro deles nomeia a famosa atriz argentina Libertad Lamarque, e os censores entenderam que aquilo era um modo cifrado de Caetano pedir “liberdade para Lamarca” (o célebre guerrilheiro, capitão do Exército, que se tornaria um dos líderes da luta armada contra a ditadura militar). Durante o trabalho de realização de *Letras*, Caetano ouviu a gravação original e transcreveu os versos que faltavam, agora reincorporados à letra da canção: “But Libertad Lamarque who was their mother/ Suddenly appeared between them”. Já havíamos feito algo semelhante em *Letra só*, quando restauramos a integridade de “Negror dos tempos”, gravada por Maria Bethânia com dois versos censurados.

Mas, sobretudo, vale consignar que a distribuição ordenada dos versos na folha nem sempre coincide inteiramente com o canto: certas pausas, por exemplo, fazem sentido na melodia, mas não na leitura; do mesmo modo, algumas repetições necessárias à música foram suprimidas; se alguns refrões não são reiterados, outros permaneceram em sua insistência. Enfim, uma série de decisões de natureza estrutural foram tomadas — em acordo entre autor e organizador — a fim de fazer ressaltar as qualidades específicas das letras.

No papel, as palavras reivindicam uma atenção nova. Ainda que as melodias soem na memória, vem aos olhos a materialidade dos versos, das estrofes e dos procedimentos formais. Então, reconhecemos o trabalho com o mínimo, com as qualidades sonoro-silábicas, o eco, a repetição, delicadíssimos ritmos sintáticos a que se contrapõem cortes bruscos e a eloquência narrativa de versos longos e discursivos. A música não está apenas na melodia da canção, pois há toda uma exploração dos valores musicais das próprias palavras. Também podemos

desfrutar melhor de certos valores visuais, da exploração de coincidências, da fusão e da fragmentação de estruturas que vão da sílaba à estrofe. A espontaneidade da fala contrasta com blocos regulares de versos metrificados, com passagens herméticas, citações, jogos de linguagem, extravagâncias barrocas e subversões de diferentes naturezas.

Mas talvez sejam as imagens o que mais fortemente nos fascina. Podem fazer a crônica da vida social e política brasileira; podem ser assumidamente autobiográficas; podem soar oníricas e absurdas; podem instalar a reflexão mais densa, a melancolia, a repulsa e a tristeza mais dolorosa; podem fazer a festa, a dança, e trazer-nos à boca o erotismo solar dos carnavais. O mundo nunca mais será igual.

Letras é um livro de poesia reunida.

2 — antologia relâmpago — autorretrato dele

Viver é um desastre que sucede a alguns. Sou um homem comum, qualquer um. Gosto de ser e de estar. Como na palavra palavra a palavra estou em mim. Quem sou eu? Face oculta azul do arará. Ninguém é comum e eu sou ninguém. De perto ninguém é normal. Eu nunca quis pouco, falo de quantidade e intensidade. Sou tímido e espalhafatoso. Eu sou homem, pele solta sobre o músculo, pelo grosso no nariz. Sou um mulato nato no sentido lato, mulato democrático do litoral. O rio da minha terra deságua em meu coração. Cana doce, Santo Amaro. Meu pai, seu tanino, seu mel. As coisas migram e ele serve de farol. Minha mãe é minha voz. Cigarras, camas, colos, ninhos. O melhor lugar é ser feliz. Promessa, poesia, Mabel. O que é uma coisa bela? Ah, Giulietta Masina. Irene ri. Se algum dia eu conseguir cantar bonito, muito terá sido por causa de você, Nicinha. Tarde cinza, lágrima prismática. Adeus, meu Santo Amaro. Não se perca de mim, não se esqueça de mim, não desapareça. No dia que eu vim-me embora não teve nada de mais. Eu não acredito em Deus. O sonho já tinha acabado quando eu vim e cinzas de sonhos desabam sobre mim. Eu sei que o mundo é um fluxo sem leito. Bahia, fonte mítica, encantada. Bahia onipresentemente. Itapuã, tuas luas cheias, tuas casas feias. O melhor o tempo esconde. Quero o que não mereço, o começo. Guadalupe em mim é Fundação, solidão, Maracanã, samba-canção, sem pai nem mãe, sem nada meu, meu Rio. No palco Maria Bethânia desenha-se todas as chamas do pássaro. A Mangueira é onde o Rio é mais baiano. Melhor do que o silêncio só João. Eu sempre quis muito, mesmo que parecesse ser modesto. Aquele cara na Bahia me falou que eu morreria dentro

de três anos. Minha alma e meu corpo disseram: não! Soltei os panos sobre os mastros no ar, soltei os tigres e os leões nos quintais. Coragem grande é poder dizer sim. Como pessoa soberana nesse mundo, eu vou fundo na existência. E eu digo sim. Diluído na grandiosidade idade de pedra ainda canto quieto o que conheço. E eu digo não ao não. Sou o cheiro dos livros desesperados. Tantas almas esticadas no curtume. Urbe imensa, pensa o que é e será e foi. Ruas voando sobre ruas. Os automóveis parecem voar. O sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas. Lágrimas encharcam minha cara. Não importa tanto aonde vou, o melhor é ter amor. Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos, estive no fundo de cada vontade encoberta. No coração da mata, gente quer prosseguir. O império da lei há de chegar no coração do Pará. Purificar o Subaé, mandar os malditos embora. E os trinta milhões de meninos abandonados do Brasil. Quando é que em vez de rico ou polícia ou mendigo ou pivete serei cidadão? A mais triste nação na época mais podre compõe-se de possíveis grupos de linchadores. O macho adulto branco sempre no comando. O padre na televisão diz que é contra a legalização do aborto e a favor da pena de morte. Eu disse: não! que pensamento torto! Meu grito lixa o céu seco. Eu já arranhei minha garganta toda atrás de alguma paz. Sou o que soa, eu não douro pílula. Chove devagar sobre o Redentor. Estou de pé em cima do monte de imundo lixo baiano. Calçados encardidos, multidões apodrecem. Um remoinho de dinheiro varre o mundo inteiro. Tudo dói. Sexo e dinheiro são metro do nosso egoísmo. Somos uns boçais. O fato de os americanos desrespeitarem os direitos humanos em solo cubano é por demais forte simbolicamente para eu não me abalar. Será que esta minha estúpida retórica terá que soar, terá que se ouvir por mais zil anos? Canto somente o que não pode mais se calar. Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem. Vejo uma trilha clara pro meu Brasil, apesar da dor. Somos mulatos, híbridos e mamelucos e muito mais cafuzos do que tudo o mais. Sei de diversas harmonias bonitas, possíveis, sem juízo final. Ciclones de estrelas desenham-se livres e fortes diante de nós. Eu canto no ritmo, não tenho outro vício, se o mundo é um lixo, eu não sou. Tome conta do destino, Xangô, da beleza e da razão. Eu sou o samba, viva o cinema. Viva o cinema novo! A bossa nova é foda! Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo daqueles que velam pela alegria do mundo. Quero ser justo. Vida sem utopia não entendo que exista. Luxo para todos, todos. Como é bom poder tocar um instrumento. Por ser feliz, por sofrer, por esperar, eu canto. Meu canto não tem nada a ver com a lua. Lua de São Jorge, lua deslumbrante. Eu minto, mas minha voz não mente. Eu canto com o mundo que roda. Salve o compositor popular. A cabeça lúdica, a cabeça América, a cabeça

África, a cabeça música. Que tenho a dar? Só tenho a voz. O que de mim ninguém tira: carne da palavra, carne do silêncio, minha paz e minha ira. Com fé em Deus, eu não vou morrer tão cedo. Será que tudo me interessa? Cada coisa é demais e tantas. Bússolas não há na cor dos versos. A gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo. Qualquer maneira de amor vale a pena. Vou contra a via, canto contra a melodia, nado contra a maré. Sem amor onde é que eu vou chegar se é o amor que nos guia e conduz? Todo beijo, todo medo, todo corpo em movimento está cheio de inferno e céu. Passa o tempo, passa a estrada ou será que nada passa? Nada conta além da graça do amor. O amor me deu mais do que o sonho. O amor tudo levou. O amor que é raio e centro. Se eu tivesse mais alma pra dar eu daria. Alguém cantando longe daqui, alguém cantando ao longe, longe. Sozinho em face da certeza da beleza sempre fico com vontade de chorar. Cantando eu mando a tristeza embora. Peço dias de outras cores. Outras palavras. Os livros são objetos transcendentais.

E.F.

Fevereiro de 2022, no centenário da Semana de Arte Moderna

letras

Conforme nota do organizador, as letras seguem a ordem cronológica de trás para frente, de acordo com suas primeiras gravações. As informações (intérprete, disco, data) estão ao pé das páginas. Quando se trata de discos de carreira — ou DVDs e trilhas sonoras, exceto coletâneas — de Caetano Veloso, os títulos, também ao pé de página, estão destacados em vermelho.

Meu coco

Simone Raimunda disparou as Luanas
A palavra bunda é o português dos Brasis
As Janaínas todas foi Leila Diniz
Os nomes dizem mais do que o que cada uma diz

Somos mulatos, híbridos e mamelucos
E muito mais cafuzos do que tudo o mais
O português é um negro dentre as eurolínguas
Superaremos câimbras, furúnculos, ínguas...

Com Naras, Bethânias e Elis
Faremos mundo feliz
Únicos, vários, iguais:
Rio-Canaveses

Belém, Natal, Vitória do Espírito Santo
Bomba luminosa sobre o capital
Aquém, além, no seio do bem e do mal
Teimosos e melódicos no nosso canto

Católicos de axé e neopentecostais
Nação grande demais para que alguém engula
Aviso aos navegantes: bandeira da paz
Ninguém mexa jamais, ninguém roce nem bula

João Gilberto falou
E no meu coco ficou
Quem é, quem és e quem sou?
— “Somos chineses”

Moreno, Zabelê, Amora, Amon, Manhã
Nosso futuro vê açaí guardiã
Ubirajaras mil, carimã, sapoti
Virá que eu vi, virá, virá, virá que eu vi

Irene ri, rirá, Noel, Caymmi, Ary
Tudo embuarcará na arca de Zumbi e Zabé

Dedicada a Jorge Mautner, Mércio Gomes e à memória de Manhã de Paula

Ciclâmen do Líbano

Que as almas se chamem
E os corpos se amem:
Eis, poderosíssimos,
O que produzíamos
De signos divinos.
Teus cantos morenos
Onde os meus não menos
Perna, braço, artelhos
Enfim, cada membro
Aninha-se — e espelhos
Dão-se entre os dois Vênus
De montes vermelhos
E vales amenos

Que os anjos reclamem
E nos céus proclamem
Teu sol-mel dulcíssimo
Flor em carne-espírito:
Ciclâmen do Líbano

Anjos tronchos

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram: vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais,
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais e mais e mais e mais

Primavera Árabe — e logo o horror
Querer que o mundo acabe-se:
Sombras do amor

Palhaços líderes brotaram macabros
No império e nos seus vastos quintais
Ao que revêm impérios já milenares
Munidos de controles totais

Anjos já mi ou bi ou trilionários
Comandam só seus mi, bi, trilhões
E nós, quando não somos otários
Ouvimos Schoenberg, Webern, Cage, canções...

Ah, morena bela
Estás aqui
Sem pele, tela a tela:
Estamos aí

Um post vil poderá matar
Que é que pode ser salvação?
Que nuvem, se nem espaço há
Nem tempo, nem sim nem não. Sim: nem não

Mas há poemas como jamais
Ou como algum poeta sonhou
Nos tempos em que havia tempos atrás
E eu vou, por que não? Eu vou, por que não? Eu vou

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Tocaram fundo o minimíssimo grão
E enquanto nós nos perguntamos do início
Miss Eilish faz tudo do quarto com o irmão

Não vou deixar

Não vou deixar, não vou, não vou deixar você esculachar
Com a nossa história
É muito amor, é muita luta, é muito gozo, é muita dor
E muita glória

Não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar porque eu sei cantar
E sei de alguns que sabem mais
(Muito mais!)

Não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar que se desminta
A nossa gana, o nosso drama, a nossa fama de bacana
A nossa pinta

Não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar porque eu sei cantar
E sei de alguns que sabem mais
(Muito mais!)

Apesar de você dizer que acabou
Que o sonho não tem mais cor
Eu grito e repito eu não vou!
(O menino me ouviu e já comentou:
“O vovô tá nervoso”, o vovô...)
Nervoso, teimoso, manhoso

É muito amor, é muita luta, é muito gozo, é muita dor
E muita lida

Não vou deixar, não vou, não vou deixar você esculachar
Com a nossa vida

Não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar
Porque eu sei cantar
E sei de alguns que sabem mais
(Muito mais!)